

TEORIA QUEER! – ESTUDO A PARTIR DO COTIDIANO DE ARTISTAS GOIANOS HOMOSSEXUAIS DO SEXO MASCULINO

Prof. Adair Marques¹ - PPG-UFG

Prof. Dr. Raimundo Martins² - UFG

Fruto de uma inseminação acadêmica que combina teoria social, arte contemporânea (produção artística) e ativismo, este estudo se debruça sobre a teoria Queer que se propõe a *romper os espaços fixos e finitos da identidade*, partindo do princípio de que *a sexualidade não possui significados a priori, mas significados relacionais que se constroem, se imitam e são imitados* (Talburt, 2005: 25)³. Como movimento, desafia o significado pejorativo da palavra – *queer*, do inglês estranho, esquisito, efeminado, bicha - inverte o sentido negativo do termo e contribui tanto para *afirmar os direitos das diferentes opções sexuais como para minar, de dentro, um pensamento que encerra o outro em uma etiqueta, pretendendo-se a si mesmo invisível* (Alcoba, 2005: 9)⁴.

Em sintonia com as teorias pós-estruturalistas, pós-modernas e pós-feministas, a teoria queer questiona os binômios de identidade, o caráter unitário da subjetividade e, principalmente, as idéias liberais referentes à autonomia do indivíduo e o conceito de comunidade com base no princípio da uniformidade. O princípio da uniformidade quando convertido em norma pode transformar-se em instrumento passível de mascarar diferenças materiais e culturais, criando imposições ou supressões visuais nos modos individuais e coletivos, gerando implicações nas práticas sociais e institucionais (Talburt, 2005)⁵.

Os sujeitos *queer* surgem da reflexão, da análise crítica e da desconstrução de autores pós-estruturalistas como Foucault e Derrida. Esses teóricos discutem e desmistificam a hegemonia do heterossexual em relação ao homossexual, preceito oriundo de uma visão patriarcal, uma corrente hetero-centrada no princípio de produção e reprodução. Insistem e mantêm que a

noção de sujeito é criada através de discursos da linguagem e da cultura (Derrida, 1995; Foucault, 1978).

Quando nascemos, chegamos a um cenário inventado previamente. Aqueles que não se encaixam nas categorias estabelecidas são demonizados ou tratados medicamente. Os teóricos queer, seguindo o trabalho de Foucault, tentam questionar esta demonização, normalização e tratamento. A chave do ativismo queer reside em puxar ao avesso as práticas de normalização (Morris, 2005: 41)⁶.

Este espírito ativista, provocador, empresta à teoria *queer* abrangência que congrega todos os indivíduos marginalizados ou rejeitados pela sexualidade convencional. De acordo com Butler (2002)⁷, na sua crítica à natureza dualista da oposição sexo/gênero, ser homem ou ser mulher é uma construção cultural, resultado de normas que estruturam as práticas sociais e operam sobre nossos corpos de maneira muito incisiva e potente. A língua, através de ‘atos de citação’, constrói realidades, como a noção de gênero, que são configuradas através de representações, de habitus e do próprio corpo. Butler, ao reelaborar a noção de iterabilidade que deriva de pos-estruturalistas como Derrida (1995)⁸, questiona a inserção de significados em estruturas fixas, visto que concebe o significado numa dimensão temporal e, portanto, mutável em função de condições e circunstâncias da história. Na sua teoria da performatividade, Butler concebe a noção de gênero como um significado que se constrói através *da repetição estilizada do corpo, um conjunto de atos repetidos em um marco estritamente regulador que vai se sedimentando ao longo do tempo para produzir a aparência e a sensação de algo natural, permanente* (1990: 33)⁹.

Essa crença em uma natureza humana estática, determinada pela estrutura genética e por instintos, é uma espécie de mito popular utilizado para justificar como a masculinidade pode ser representada mantendo-se hegemônica a partir de uma visão heterocentrada. A noção de ‘gênero’ vigente no ocidente pode ser caracterizada como uma trajetória de poder e opressão

sobre homens e mulheres. Nesse contexto, a sexualidade masculina está construída como uma norma contra a feminilidade e outras formas de masculinidade. A sexualidade não é algo biologicamente definido, mas culturalmente e socialmente determinado por construções conceituais que têm sofrido enormes mudanças e transformações através da história.

A Sexualidade em Questão

No final do século XIX, questões relativas à sexualidade passam a ocupar espaço significativo na discussão sobre a constituição do sujeito moderno, gerando interesse crescente e, conseqüentemente, estudos em áreas como a psicologia, a psicanálise e a sexologia. Esses estudos ampliaram o debate e desencadearam pesquisas que contribuíram para a publicação de artigos, livros e ensaios científicos. As discussões acerca do tema foram aprofundadas, transformando-se no decorrer do século XX e chegando a posição de destaque no século XXI.

Hoje a sexualidade passou a ser vista e tratada de maneira recorrente em programas de televisão, de rádio e em sites da internet onde o privado é exposto, o cotidiano ganha destaque e a intimidade se torna pública e/ou política. Nesse cenário e contexto surge a teoria queer e, a partir dela, a estética camp.

Os estudos gays e lésbicos surgem nos estados Unidos após os anos 60, e se desenvolvem bastante nas últimas duas décadas levantando a bandeira da visibilidade pública com o objetivo de combater a opressão e a exclusão, na maioria das vezes associada aos campos da medicina, das leis e da religião. Esses estudos buscam, também, igualdade de direitos como a união civil em uma sociedade marcada pela opressão e pelos valores hegemônicos do sujeito heterossexual, branco e europeu.

A partir dos anos 90, com o surgimento da Teoria Queer, os estudos gays e lésbicos começam a sofrer duras críticas. A Teoria Queer mantém um posicionamento político radical que se diferencia ao colocar-se contra a visão de cunho integrativo que os estudos gays e lésbicos vinham assumindo na sociedade estadunidense. *O termo queer inclui simpatizantes e é*

*paralelo ao interesse pelo transgênero, pela bissexualidade e outras situações pós-identitárias como os pomosexuais (fusão da palavra pós-modernidade com homossexualidade) e o pós-gay”(Louro, 2004:2)¹⁰. Teoria social, ativismo e produção artística contemporânea, aproximam e configuram por afinidade, uma política queer que *está estritamente articulada à produção de um grupo de intelectuais que, ao redor dos anos 1990, passa a utilizar esse termo para descrever seu trabalho e sua perspectiva teórica”* (Louro, 2004:39)¹¹.*

Nesse sentido o queer trás um ar transgressivo e toma para si um posicionamento de não conformidade com as regras estabelecidas. Assim, o sujeito queer assume em todos os sentidos uma fuga consciente dos padrões sociais ditos “normais”, caracterizando-se como um sujeito desviante, em transito, um ser “entre-lugares”, que não apenas aceita os estereótipos, mas os assume.

O Terreno da Investigação

O objetivo deste trabalho é estudar a trajetória profissional de dois artistas residentes em Goiânia buscando reconstruir, através de narrativas, suas histórias de vida e utilizando como aporte teórico a Teoria Queer e a Cultura Visual. Caracterizada como um campo amplo, múltiplo e interdisciplinar, *a cultura visual é um corpus de conhecimento emergente, resultante de um esforço acadêmico proveniente dos Estudos Culturais, [...] é considerada um campo novo em razão do foco no visual com prioridade da experiência do cotidiano* (Martins, 2005: 135)¹². A cultura visual é uma maneira de problematizar a realidade questionando o papel que se outorga à cultura, mas, sobretudo, buscando *compreender os fenômenos que nas duas últimas décadas transformaram as concepções de arte, cultura, imagem, história e educação e operam a ‘mediação’ de representações, valores e identidades* (Martins, 2005: 140)¹³.

Histórias de vida são abordagens, caminhos que nos ajudam a entender, parcialmente, a subjetividade de outras pessoas. São abordagens individualizadas que possibilitam uma compreensão sobre o entendimento que os indivíduos têm deles mesmos, o modo como lidam

com questões, problemas e decisões do cotidiano negociando sua inserção e trânsito nas relações sociais e culturais. A relevância da história de vida, como um *método qualitativo por excelência* (Goodson, 2004: 32)¹⁴, se deve ao fato de possibilitar um *espaço a partir do qual se reconstroem trajetórias e se detectam posicionalidades biográficas, ou seja, experienciais e não somente cognitivas como a investigação sobre o 'pensamento' docente* (Fernandez, 2004:11)¹⁵. Partindo do princípio de que situações, ocorrências e experiências do passado podem influenciar o presente, a reconstrução de histórias de vida pode ser considerada um valor que tem como referencia processos pessoais e autoconsciência.

Como qualquer espaço profissional marcado pela competência e pela necessidade de delimitar territórios de reconhecimento, assinalar as histórias de vida como um novo campo de estudo permite [...] que um grupo de profissionais encontrem um terreno para a investigação que lhes outorgue identidade. Desta maneira os 'sujeitos' e as 'vozes' se transformam em 'objetos' e em 'informantes' que contribuem com sua generosidade, com suas vidas, à carreira profissional dos pesquisadores (Fernandez, 2004:13)¹⁶.

Histórias Inacabadas

Os campos de estudo relacionados à Teoria Queer e à Cultura Visual têm experimentado um significativo crescimento a partir dos anos 90. As pesquisas realizadas nessas áreas sinalizam alternativas, fornecem subsídios teóricos e embasamento para uma discussão sobre a necessidade de formulação de políticas pós-identitárias que ampliem e estimulem outras visões competitivas de masculinidade enfrentando os constrangimentos que categorias convencionais como 'masculino' e 'feminino' impõem ao cotidiano e suas normas.

Os sujeitos desta pesquisa conhecem situações comuns àqueles que se fizeram respeitar e reconhecer por sua atuação profissional, independente da orientação sexual. São artistas e profissionais da docência, com inserção significativa no circuito das artes visuais, responsáveis por instituições culturais. São profissionais que aceitaram falar de suas experiências escolares

na adolescência, dos momentos críticos de suas vidas, da formação profissional, de amores, constrangimentos, preconceitos e implicações decorrentes da preferência sexual e de um cotidiano que, por opção, subverte a norma heterossexual. Os sujeitos desta pesquisa têm em comum uma carreira artística significativa, um reconhecimento da comunidade.

No percurso deste trabalho, estudarei a relação dos sujeitos com o seu fazer artístico inserindo nesta vivência as questões de gênero, corpo e sexualidade. As experiências com a família, as angustias, os medos, as incertezas, bem como a escolha da arte como campo de atuação. Concluindo o texto, considerando os argumentos, a perspectiva crítica e, sobretudo o histórico delineado neste trabalho, utilizo as reflexões de um pesquisador para fazer uma síntese dessas posições ao mesmo tempo em que faz um desabafo intelectual que evoca uma condição existencial:

“O encontro de dois homens pode ser apenas um encontro, mas também pode ser uma possibilidade de diálogo e abertura para o mundo, desafio maior de todo discurso minoritário, alguma vez discriminado (...) Não se trata apenas de considerar a homossexualidade como um adjetivo, mas afirmar uma experiência substantiva que interliga vida cotidiana e prática intelectual. A experiência gay nada tem de redutora, classificadora, se assim o quisermos, é um mistério insondável, um ponto de partida, uma pergunta mais do que uma resposta” (Lopes, 2004:7)¹⁷.

Notas

¹ Mestrando em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Professor do Curso de Design de Moda da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

² Doutor pela Southern Illinois University, Estados Unidos. Professor do Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

³ TALBURT, Susan. Introducción: contradicciones y posibilidades del pensamieto queer. In Talburt, Susan. y Steinberg, Shirley R. (eds.) *Pensando Queer: sexualidad, cultura y educación*. Barcelona: Editorial Graó, 2005.

⁴ ALCOBA, Ernest. Prólogo a la edición española. In Talburt, Susan. y Steinberg, Shirley R. (eds.) *Pensando Queer: sexualidad, cultura y educación*. Barcelona: Editorial Graó, 2005.

⁵ TALBURT, Susan. Introducción: contradicciones y posibilidades del pensamieto queer. In Talburt, Susan. y Steinberg, Shirley R. (eds.) *Pensando Queer: sexualidad, cultura y educación*. Barcelona: Editorial Graó, 2005.

⁶ MORRIS, Marla. El pie zurdo de Dante pone en marcha la teoría *queer*. In Talburt, Susan. y Steinberg, Shirley R. (eds.) *Pensando Queer: sexualidad, cultura y educación*. Barcelona: Editorial Graó, 2005.

⁷ BUTLER, Judith. *Cuerpos que importam: sobre los límites materiales y discursivos del ‘sexo’*. Buenos Aires: Paidós, 2002.

⁸ DERRIDA, Jacques. A madness must watch over thinking. In: Weber, E.: *Points...Interviews, 1974-1994 Jacques Derrida*. Stanford, Cal.: Stanford University Press, 1995.

⁹ BUTLER, Judith. *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

¹⁰ LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autentica, 2004.

¹¹ *Ibid.*

¹² MARTINS, Raimundo. Educação e Poder: deslocamentos perceptivos e conceituais da cultura visual. In: Marilda Oliveira de Oliveira e Fernando Hernández (Orgs.) *A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais*. Santa Maria: Ed. Da UFSM, 2005.

¹³ *Ibid*

¹⁴ GOODSON, I. Prefacio a esta edición – Historias de vida del profesorado. In: Ivor Goodson (ed.) *Historias de Vida del Profesorado*. Barcelona: Octaedro, 2004.

¹⁵ HERNANDEZ, F. Las historias de vida como estratégia de visibilización y generación de saber pedagógico. In: Ivor Goodson (ed.) *Historias de Vida del Profesorado*. Barcelona: Octaedro, 2004.

¹⁶ *Ibid*

¹⁷ LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autentica, 2004.